

Crianças em contexto de migração familiar: uma análise a partir do filme *Bem-vindo a Marly-Gomont*

Children in the context of family migration: an analysis from the film The African Doctor

Los niños en el contexto de la migración familiar: un análisis a partir de la película Bienvenue à Marly-Gomont

Giovani GIROTO¹
Ercília Maria Angeli Teixeira de PAULA²

Resumo

O filme *Bem-vindo a Marly-Gomont*, do diretor Julien Rambaldi, aborda temáticas como o racismo, a adaptação à escola e as situações presentes no contexto migratório. O objetivo geral deste estudo foi examinar a invisibilização das crianças nos processos de migração familiar. Os objetivos específicos foram analisar as teorias clássicas migratórias em contraste com as teorias da sociologia da infância; discutir a representação das crianças migrantes e analisar as relações inter e intrageracionais presentes no filme. Os dados foram analisados a partir de duas categorias que expressam o tratamento dedicado às crianças na situação de migração, sendo elas as relações intergeracionais e as relações intrageracionais. Os resultados expressam os silenciamentos impostos às infâncias nas questões migratórias.

Palavras-chave: Infâncias; Migração familiar; Relações geracionais.

¹ Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual de Maringá, com bolsa de financiamento da CAPES. P). É membro do Grupo de Estudos Educação Social em Saúde (GEPESS). E-mail: giovani_giroto@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-6683-1075.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia e Pós-Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. É professora associada efetiva da Universidade Estadual de Maringá UEM do Departamento de Teoria e Prática da Educação (DTP) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da UEM (PPE/UEM). E-mail: erciliaangeli@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0002-8619-7558.



Abstract

The film *Welcome to Marly-Gomont*, by director Julien Rambaldi, addresses themes such as racism, school adaptation, and situations found in the migration context. This study's general objective was to examine children's invisibilization in family migration processes. The specific objectives were to analyze classical migration theories in contrast to the theories of the sociology of childhood; discuss the representation of migrant children and analyze the inter and intra-generational relations found in the film. The data were analyzed from two categories that express the treatment dedicated to children in the migration situation: intergenerational and intragenerational relations. The results express the silencing imposed on children in migration issues.

Keywords: Childhood; Family migration; Education for migrants; Generational relations.

Resumen

La película *Bienvenue à Marly-Gomont*, del director Julien Rambaldi, aborda temas como el racismo, la adaptación escolar y las situaciones presentes en el contexto migratorio. El objetivo general de este estudio era examinar la invisibilización de los niños en los procesos migratorios familiares. Los objetivos específicos fueron analizar las teorías clásicas de la migración en contraste con las teorías de la sociología de la infancia; discutir la representación de los niños migrantes y analizar las relaciones inter e intrageneracionales encontradas en la película. Los datos se analizaron a partir de dos categorías que expresan el tratamiento dedicado a los niños en situación de migración: relaciones intergeneracionales e intrageneracionales. Los resultados expresan el silenciamiento impuesto a los niños en materia de migración.

Palabras clave: Infancia; Migración familiar; Educación de los emigrantes; Relaciones generacionales.

Introdução

As migrações internacionais, desde sempre, foram analisadas em pesquisas acadêmicas devido à sua complexidade social, econômica, educacional, política, entre outras categorias. Ainda, atualmente, com os novos fluxos migratórios, outros estudos passaram a ser necessários para compreender os efeitos desse fenômeno migratório, como, por exemplo, a invisibilização das crianças, sobretudo na migração familiar.

De modo geral, as migrações representam a situação de muitas pessoas que precisam deixar seus países de origem, suas terras, parte de suas famílias, suas culturas e seus hábitos para buscar outras vivências, que, muitas vezes, são bem diferentes daquelas a que estavam habituadas. Por sua vez, os processos de acolhimento e



inclusão dessas pessoas nos países aos quais se destinam nem sempre são realizados de forma digna, o que compromete a vida dos(as) migrantes.

Tal comprometimento pode ser ainda mais grave quando se trata das crianças migrantes. Nota-se que, na maioria dos casos, as crianças não participam da tomada de decisão de migrar. Assim, entende-se que tal situação rompe com a autonomia das crianças que são obrigadas a ter seus destinos modificados por conta de uma decisão pela qual elas não foram consultadas.

Essas questões migratórias, sobretudo o estabelecer-se em outro contexto, são representadas no longa-metragem *Bem-vindo a Marly-Gomont* (2016), do diretor francês Julien Rambaldi. O filme narra a história de uma família congolense que migra para o vilarejo de Marly-Gomont, situado no norte da França, após a figura paterna da família formar-se em medicina e receber uma proposta de trabalho na comunidade que dá nome ao filme.

A família Zantoko, a partir da decisão exclusivamente tomada pelo pai, passa por um processo de migração e reestabelecimento em novo território – uma comunidade na qual residem apenas pessoas brancas. O filme aborda temáticas como o racismo, a precarização do trabalho migrante, a adaptação escolar, entre outras situações presentes na realidade das famílias que migram. Além disso, observa-se no filme que a migração, assim como propõem os teóricos clássicos das teorias migratórias, está sempre atrelada à condição de trabalho do(a) migrante (Sayad, 1998), (Gaudemar, 1977). Por essa razão, argumenta-se sobre a ausência das crianças nas decisões migratórias, uma vez que, por não integrarem força de trabalho, não têm suas vozes ouvidas nesses casos.

Nesse sentido, esse artigo tem como objetivo geral examinar a invisibilização das crianças nos processos de migração familiar. Para isso, como objetivos específicos, busca-se analisar as teorias clássicas migratórias em contraste com as teorias da sociologia da infância; discutir a representação das crianças migrantes e analisar as relações inter e intrageracionais a partir do filme *Bem-vindo a Marly-Gomont*. A metodologia empregada foi a pesquisa bibliográfica nas temáticas da migração a partir dos autores Gaudemar (1977), Póvoa-Neto (1997), Sayad (1998), Zlotnik (2003), Ferreira-Batista; Cacciamali (2012) e Santos; Santos; Continguiba (2015) e dos autores que Sarmiento (2005), Qvortrup (2010), Borges; Magalhães (2011) e Oliveira (2012), que defendem a Sociologia da Infância. Como recurso metodológico, utilizou-se o Estudo das Narrativas, defendido por Ochs e Capps (1996) e Rodrigues (2006).



Este artigo contribui para os estudos da sociologia da infância por apresentar, criticamente, os silenciamentos impostos às infâncias nas questões migratórias. Defende-se neste estudo, que as crianças devem ter voz ativa. Por serem consideradas sujeitos de direitos, é preciso ter um olhar mais atento às suas necessidades e desejos, e, com isso, considerar seus argumentos nas tomadas de decisões familiares que as envolvam.

A invisibilidade das crianças nas teorias clássicas de migração

Atualmente, é possível encontrar diversas teorias que explicam e fundamentam as migrações, seja de mobilidade dentro do mesmo país ou de mobilidades internacionais; seja de uma migração forçada ou voluntária; seja de uma migração individual ou familiar. Sobre esta última categoria, de acordo com Zlotnik (2003, p. 60), considera-se família uma composição de, no mínimo, dois adultos em união conjugal. Todavia, defende-se neste estudo que a composição familiar vai muito além do casamento, o que permite que a junção de um adulto com um(a) filho(a) criança também possa ser caracterizado como família.

De acordo com Ferreira-Batista e Cacciamali (2012, p. 521), “a principal diferença nos fatores determinantes da migração individual e da migração familiar é que, no caso familiar, a migração impõe a necessidade de os membros negociarem perdas e ganhos intrafamiliarmente”. Nesse sentido, todos os membros da família deveriam participar da tomada de decisão, uma vez que todos(as) os(as) envolvidos terão perdas e ganhos no processo migratório. Assim, considerar a fala das crianças deveria ser uma prática recorrente neste tipo de mobilidade.

Contudo, “é possível afirmar que a migração familiar introduz a questão intertemporal na trajetória do ciclo de vida da criança, referente a uma decisão que foi realizada pelos pais” (Ferreira-Batista e Cacciamali, 2012, p. 521), ou seja, as autoras compreendem que, nos casos de migração familiar, a decisão é de exclusividade dos pais. Com isso, sem consentimento, a vida das crianças que são submetidas ao processo migratório é comprometida, podendo interferir em suas vidas escolares e, em alguns casos mais extremos, colocar as crianças em situação de trabalho infantil.

Nas definições de Sayad (1998, p. 54), “um imigrante é essencialmente uma força de trabalho, e uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito”. O argumento ampara-se no sentido de que imigrantes são pessoas adultas, devido à



condição de trabalho, que não possuem raízes no local onde vivem, dessa forma, “a estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho” (Sayad, 1998, p.55). Desse modo, migrar é compreendido como uma condição social que não inclui as diversas realidades de todos(as) aqueles(as) que migram, como por exemplo, as crianças, que não se enquadram, ou pelo menos não deveriam enquadrar-se, na condição de trabalhadoras.

Outra definição clássica é a de “mobilidade do trabalho”, proposta por Póvoa-Neto (1997). Trata-se de uma migração “na qual trabalhadores se deslocariam, espacial e setorialmente, de forma a atender às solicitações da acumulação capitalista” (Póvoa-Neto, 1997, p. 19). De acordo com o autor, a mobilidade, sendo ela internacional ou não, tem como motivação o trabalho e as questões econômicas.

O(A) migrante sofre interferências de sua cultura de origem em contraste com a nova realidade. Isso acarreta em efeitos sociais, econômicos e culturais, uma vez que precisa adaptar-se à nova cultura, ao mesmo tempo que carrega consigo muitos elementos da sua cultura de origem, que transparece em suas novas relações. Portanto, de acordo com Póvoa-Neto (1997), não é possível falar sobre os efeitos da imigração ou da emigração como categorias específicas, mas, sim, dos efeitos da migração, que considera o deslocamento e suas implicações no modo de vida.

Das teorias abordadas, destacam-se dois aspectos: a economia como pano de fundo e a invisibilidade das crianças nos processos migratórios (que pode ser justificada pela ausência dos(as) filhos(as) na participação econômica familiar). Em se tratando de vidas, a economia não deveria influenciar na participação ou na não participação de determinada faixa etária em decisões que as afetam. Dessa forma, a decisão de migrar não pode levar em conta apenas a avaliação de ganhos e perdas dos adultos, mas também das crianças, que se apresentam ainda mais vulneráveis no processo migratório.

De acordo com Oliveira (2012),

a chamada “ideologia da família”, sustentada pelo poder estruturante do conservadorismo patriarcal e patrimonial, herança que atravessa a cultura romana antiga e o cristianismo medieval, reconhece a criança como propriedade do pai ou do responsável equivalente. (Oliveira, 2012, p. 39-40).

Encontra-se, nas definições tradicionais de infância, a característica de dependência de uma pessoa adulta para tomar decisões e/ou zelar pela criança. É



natural que, durante a infância, a criança não tenha condições para cuidar de todas as tarefas necessárias à manutenção de sua vida. Porém, não se pode negar que as crianças possuem autonomia para muitas coisas. Além disso, ao invés de admitir a infância como responsabilidade e posse de seus responsáveis, suas vozes deveriam ser consideradas ativas para suas intenções e necessidades, responsabilizando-as por suas escolhas e ações.

Nas palavras de Qvortup (2010), é preciso conceder “visibilidade à infância e voz às crianças, ou, para usar outra frase típica, lidar com a infância e as crianças por elas mesmas, ou seja, sem ter de necessariamente fazer referência ao seu futuro, quando se tornarem adultas (Qvortrup, 2010, p. 634). Conclui-se que as crianças, no momento da infância, são pessoas com direitos assim como os adultos. De forma equivocada, muitas pessoas consideram as crianças como projetos de adulto, como se estivessem em formação para serem adultos e, somente então, terem direito à voz.

Essas questões intergeracionais são evidenciadas ao analisar a questão familiar, uma vez que, notavelmente, os pais (representados pelos adultos) têm maior autoridade e peso nas tomadas de decisão do que os(as) filhos(as) (representados(as) pelas crianças). Todavia, também é necessário discutir sobre as relações intrageracionais das crianças em situação de migração, uma vez que, mesmo tendo a mesma faixa etária, as diferenças econômicas, sociais e culturais, podem apresentar desigualdades no novo contexto ao qual se inserem.

Para isso, a sociologia da infância apresenta uma reconfiguração do conceito de infâncias e sua relação com pessoas da mesma geração e/ou gerações diferentes. De acordo com Sarmiento (2005, p. 371), “a sociologia da infância tem vindo a assinalar a presença destas variações intrageracionais e recusa uma concepção uniformizadora da infância”. Com isso, teorias geracionais mais tradicionais consideram que crianças pertencentes à mesma faixa etária apresentam formas semelhantes de interagir com o mundo. Todavia, a sociologia da infância defende que a divisão dos grupos não pode ter como único critério a idade, pois também depende “do seu posicionamento social de forma mais ampla, incluindo desde a sua localização geográfica até distinções como raça, gênero e classe social” (Borges e Magalhães, 2011, p. 174).

Ao refletir sobre as crianças migrantes conclui-se que seus contextos são marcados por muitos indicativos que as diferenciam das crianças de outros países (que também não podem ser reduzidas em uma única categoria, uma vez que muitos países



são multiculturais). Dessa forma, mesmo inseridas numa relação intrageracional, ainda apresentam muitas diferenças.

De modo geral, a tomada de decisão pela migração não é liderada pelas crianças, mas “um desejo sobretudo de seus responsáveis que trazem seus filhos na espera de encontrar um lugar com melhores condições para criá-los, pensando, principalmente em uma melhor educação” (Santos, Santos e Continguiaba, 2015, p. 4).

É importante levar em consideração os fatores sociais, culturais, econômicos, familiares e de fronteiras geográficas das crianças migrantes para se ter uma compreensão de suas identidades e, ainda assim, compreender que continuam sendo plurais, uma vez que nem todas as experiências migratórias são iguais e, também, por cada um as absorver de acordo com sua subjetividade. Logo, torna-se substancial vincular a temática da migração com a sociologia da infância.

Por mais que os estudos clássicos datem do século passado, em grande maioria dos estudos, as pesquisas mais recentes sobre as infâncias migrantes não apontam resultados tão diferentes. De acordo com Cantinho (2018, p. 173), “o não reconhecimento da presença de crianças nas estruturas de poder e na máquina de elegibilidade do refúgio promove a invisibilidade e o silenciamento desses sujeitos durante o processo”. De forma similar, para Lopes e Motta (2021, p. 611), “as crianças são tratadas nos documentos do CONARE como componentes dos grupos de risco ou grupos vulneráveis tais como as mulheres, os homossexuais, os formadores de opinião e líderes comunitários”. Em análise, consideram que “a maior incidência do termo criança nos textos pesquisados remete a um sujeito de direitos, mas direitos permanentemente ameaçados” (Lopes e Motta, 2021, p. 610). Por fim, um último estudo constatou que, nos movimentos migratórios

as crianças eram componentes dos deslocamentos migratórios, mas permaneciam quase invisíveis. Eram consideradas como parte da mão-de-obra familiar ou como ajudantes para serviços que os pequenos poderiam realizar com mais destreza, na indústria e nos serviços (Demartini, 2021, p. 372).

Então, por mais que os estudos tenham avançado e os fluxos migratórios tenham sofrido muitas modificações ao longo da história, algo que não mudou de forma substancial foram as imagens das infâncias e a ausência de protagonismo das crianças durante as temáticas diaspóricas. Mesmo que as crianças não participem do processo de decisão para migrar, a migração familiar é uma realidade e tem feito muitas crianças deslocarem-se com suas famílias para outro país. Os efeitos desse



fenômeno são muitos. Apesar disso, ainda não existem muitas pesquisas que analisam os efeitos da migração na vida das crianças. Em outras palavras, quando se buscam trabalhos acadêmicos sobre a nova realidade dos(as) migrantes, mais uma vez, tem-se uma abordagem, em suma, do reflexo da migração para os adultos, uma vez que o desemprego aparece como um dos fatores de dificuldade do(a) migrante em outro país.

Metodologia

Este artigo aborda temáticas pertinentes à Sociologia da Infância, com interfaces das teorias clássicas sobre migração. Para isso, a primeira etapa metodológica consistiu na revisão bibliográfica de alguns autores e autoras que investigaram tais teorias. Além disso, este estudo inclui o Estudo das Narrativas como referencial teórico-metodológico de análise em pesquisas nas ciências humanas.

A construção da realidade e do imaginário ocorre de diversas formas. Narrar é uma delas. Isto posto, de acordo com Rodrigues (2006, p. 20-21), uma vez que a abordagem do Estudo das Narrativas “dá proeminência para agência humana e interpretação, [esta] é adequada para estudos de subjetividade e identidade”. Ao passo que se dá a iniciativa de conhecer melhor os seres humanos, seus deslocamentos, suas vivências e suas construções de sentidos, olhar atentamente para suas narrativas pode ser um caminho metodológico viável para a compreensão das realidades remontadas a partir de experiências narradas, mesmo que em obras fictícias.

Segundo Ochs e Capps (1996, p. 20), “a narrativa pessoal, que nasce da experiência, simultaneamente, dá forma à experiência. Nesse sentido, narrativa e *self* são indissociáveis” (tradução nossa). Nesta abordagem, as autoras compreendem o *self* como “uma consciência reflexiva em ser-estar no mundo, mesclando as temporalidades de passado e futuro (Ochs e Capps, 1996, p. 21, tradução nossa). Percebe-se, com isso, que o ato de narrar está sempre atrelado à ação de experimentar, vivenciar desvinculado de um tempo único.

Reconhecer as experiências, as subjetividades, as narrativas e os diálogos como método é um ato de resistência em tempos em que os ideais positivistas ainda refletem padrões a serem mantidos nas pesquisas. Com rigor, o tipo de pesquisa proposto neste estudo considera que “as narrativas são versões da realidade e, além disso, são encarnações de um ou mais pontos de vista, em vez de relatos objetivos e oniscientes” (Ochs e Capps, 1996, p. 21, tradução nossa).



Da análise das narrativas presentes no filme *Bem-vindo a Marly-Gomont* surgiram duas categorias: 1) as relações intergeracionais (criança/adulto) e 2) as relações intrageracionais (criança/criança). A primeira considera as relações intergeracionais reflete sobre a submissão dos(as) filhos(as) ao destino que os(as) responsáveis julgam ser mais satisfatório, a negação da infância pelo pai e/ou mãe, ao preocupar-se, exclusivamente, com o futuro profissional dos(as) filhos(as) e a comparação, pela perspectiva do adulto, entre as infâncias nas diferentes gerações. A segunda trata das relações intrageracionais e examina a diversidade intrageracional e a autonomia infantil para lidar com seus próprios conflitos e situações cotidianas.

Dessa forma, a análise perpassa tanto a temática geral, que, neste estudo, é acerca das crianças na migração familiar, assim como a materialização, a análise das formas, dos significantes desta temática a partir de cenas, diálogos e relações entre os(as) personagens envolvidos(as).

Compreende-se que o filme permite a reflexão de fenômenos sociais através das narrativas, construção das personagens e dos contextos representados através dessa obra artística. A partir disso, pode-se perceber “o modo como o realizador concebe o cinema e como o cinema permite às pessoas a pensar e lançar novos olhares sobre o mundo” (Penafria, 2009, p. 7). Ou seja, a obra cinematográfica permite a discussão sobre questões da sociedade. No caso específico deste filme, faz-se uma análise de como as personagens que representam as infâncias em contraste com as personagens adultas. Após isso, é possível fazer inferências e assimilações com a realidade, além de dialogar com as teorias migratórias e da sociologia da infância.

Migração familiar e o silenciamento infantil no filme *Bem-vindo a Marly-Gomont*

Baseado em uma história real, o filme tem como cenas iniciais a festa de formatura em medicina de Seyolo Zantoko, a figura paterna da família, na cidade de Sille, no norte da França, em 1975. Durante a festa, dois acontecimentos marcam a vida de Seyolo: o contato, por telefone, com um parente conterrâneo que trabalhava para o presidente do Congo e a presença do prefeito de Marly-Gomont.

Por telefone, Seyolo recebe o convite de seu familiar para trabalhar como médico pessoal do presidente do Congo, Mobuto Sese Seko. Devido à sua honestidade, por não concordar com o regime de ditadura do país e por não querer servir governos



corruptos, Seyolo recusa a proposta que lhe traria diversos benefícios, como salário alto, mansão particular e fama.

Após isso, Seyolo conhece René Ramollu, o prefeito de Marly-Gomont, que, anualmente, aparece nas formaturas de medicina em busca de um profissional que aceite trabalhar no vilarejo rural de que é responsável. Mesmo com resistência do prefeito, e também por falta de outros candidatos, Seyolo consegue a vaga de médico de Marly-Gomont, vaga esta que traria dificuldades diversas ao migrante congolense, mas, traria também a conquista de permanência legal para si e sua família na França – um desejo da esposa.

Como apresentado, a tomada de decisão de migrar para Marly-Gomont deu-se, exclusivamente, por Seyolo, que não consultou Anne, Kamini e Sivi – sua esposa, seu filho e sua filha, respectivamente. Ao informar sua família sobre conquista do emprego que possibilitaria a migração familiar, assim como a residência regulamentada em território francês, revela-se o primeiro conflito no filme. A família, com exceção das crianças, empolga-se tanto com a novidade de migrar para a França que, ao comemorarem entre si, perdem uma informação muito importante de Seyolo: a migração seria para Marly-Gomont e não Paris.

Salienta-se que havia o desejo e consentimento da esposa em morar na França, desde que fosse na capital, Paris. Entretanto, o filme sugere a resistência dos filhos em migrar, uma vez que apresentam descontentamento, preocupação e receio da vida no novo país, como apresentado nos trechos a seguir:

Sivi: E minha final no futebol?

Seyolo: Não se preocupe, poderá vencer outros times lá. Se for boa, pode até jogar pela França!

Sivi: Já viu muitos negros no time francês? (*BEM-VINDO A MARLY-GOMONT*, 2016).

Kamini: E meus amigos? Todos os meus amigos estão aqui!

Seyolo: Não se preocupe, Mosquito. Você fará novos amigos (*BEM-VINDO A MARLY-GOMONT*, 2016).

A partir do exposto até aqui, percebe-se que a migração foi motivada pelo trabalho, além das questões políticas do Congo, liderado, na ocasião, por um ditador que cultivava um bom relacionamento com o governo do Apartheid sul-africano e de Israel. Mesmo que de forma secundária na película, a temática política é anunciada no início do filme, através da exibição de imagens documentais sobre o período.



Esse viés político é pertinente ao ser atrelado com a questão do trabalho, já que, caso aceitasse a proposta de ser médico de Mobutu Sese Seko, contra suas ideologias políticas, teria qualidade de vida para si mesmo e sua família, pois seria bem remunerado pelo cargo. Assim, Seyolo escolhe enfrentar os desafios da migração por questões éticas um tanto complexas para avaliação de crianças, além das já descritas. Todavia, é importante ressaltar que, a partir das cenas e das narrativas, pode-se verificar o silenciamento das crianças nos processos migratórios.

De acordo com Oliveira (2012, p. 36), “a infância é, em princípio, exposta (econômica e institucionalmente) às mesmas forças sociais que os adultos, embora de modo particular”. Ou seja, crianças e adultos, pais e filhos, pertencem à mesma sociedade e, por isso, deveriam exercer igualmente suas cidadanias. Nesse sentido, no caso das migrações familiares, a partir da abordagem da sociologia da infância, a perspectiva dos filhos teria de ser considerada pelos pais na decisão de migrar.

As cenas ilustram Sivi e Kamini Santoko em chamada telefônica com o pai, que anuncia a decisão, já tomada, de migrar. Nas narrativas dos filhos, as argumentações giram em torno da vida social das crianças na cidade de origem e suas possíveis perdas, como a saída do time de futebol do qual Sivi integra e os laços de amizade de Kamini. Em resposta aos filhos, Seyolo justifica que, no novo país, também será possível a prática do esporte e a formação de novos vínculos com outras crianças.

Identifica-se, na fala do pai, um desmerecimento às questões levantadas pelas crianças, uma vez que Seyolo considera que tudo o que fazem no Congo, poderão fazer na França. Marca-se aqui, a autoridade dos adultos em relação às infâncias. Autoridade esta que faz com que os(as) filhos(as) fiquem submetidos(as), integralmente, às regras, necessidades e decisões dos pais. Há aqui uma aproximação com Oliveira (2012, p. 36), quando defende que “a dependência convencional das crianças tem consequências para sua invisibilidade em descrições históricas e sociais, assim como para a sua autorização às provisões de bem-estar”. Nessa abordagem, a criança, tida como posse dos adultos, como um ser desprovido de autonomia, é invisibilizada, pois suas necessidades e intenções não são ouvidas. Em decorrência disso, cabe às crianças submeter-se às medidas impostas pelos adultos responsáveis por elas.

Uma vez que a decisão já estava tomada, mesmo com a resistência das crianças, a família migra para a França. Para a surpresa de Anne Santoko (esposa de Seyolo) e seus filhos, o destino final não era Paris, mas, o vilarejo rural Marly-Gomont. O filme



evidencia a frustração da figura materna e dos filhos em relação ao novo contexto ao qual precisarão estabelecer-se.

Em determinado momento, há uma cena que ilustra a insatisfação da família, com exceção do pai, que diz: “é agradável...” (*BEM-VINDO A MARLY-GOMONT*, 2016), em relação à Marly-Gomont. Nesse momento, a mãe, que até então estava favorável à migração, junta-se aos filhos e defende a volta da família Santoko para o Congo. Em análise, Anne considera que a vida que levavam no Congo era melhor do que a vida que levariam no vilarejo. Todavia, a decisão estava tomada e, juntos, teriam que acostumar-se à nova realidade e integrar-se na sociedade de uma versão rural e pacata da França.

A partir de então, outros problemas passaram a surgir, sendo o principal deles, o racismo, uma vez que, até o momento, em Marly-Gomont, não haviam pessoas negras. Do preconceito racial, outros problemas foram desencadeados, como, por exemplo, a recusa dos moradores em serem atendidos por um médico negro, assim como as especulações sobre a validade de seu diploma e a dificuldade dos filhos se adaptarem na instituição escolar, como representado a seguir:

Sivi: No colégio, me chamam de negra.

Seyolo: Qual é o problema? Você é negra. Ouça, isso é normal. Acabamos de chegar, as pessoas não nos conhecem. Temos que fazer um esforço se quisermos que gostem de nós.

Sivi: Eles me chamam de Escurinha!

Kamini: E a mim de Coelho da Selva ou Jigaboo!

Anne: Quem te chamou assim?

Sivi: Todo mundo (*BEM-VINDO A MARLY-GOMONT*, 2016).

Sabe-se que o racismo atinge tanto os adultos quanto as crianças, gerando situação de vulnerabilidade e exclusão social. Quando se está em contexto migratório, percebe-se um agravamento da condição de vulnerabilidade, sobretudo, daquelas pessoas que são negras e precisam estabelecer-se em sociedades, majoritariamente, composta por pessoas brancas, como é o caso Marly-Gomont.

Essas diferenças podem causar certos preconceitos de cunho racial e étnico. Nesse sentido, para Rocha (2016), o termo racismo carrega a ideia de que existem diferentes raças que, através de uma ideologia de dominação, passam por um processo de hierarquização na qual algumas delas são compreendidas como superiores enquanto outras são notadas como inferiores. Por este viés, “as características fenotípicas são utilizadas como justificativa para atribuição de valores positivos ou



negativos, atribuindo a essas diferenças a justificativa para a inferiorização de uma raça em relação à outra” (Rocha, 2016, p. 10-11).

No que diz respeito à discriminação racial, Rocha (2016) considera que se trata do preconceito na prática, ou seja, em sua versão materializada, evidenciado “no âmbito das relações sociais, podendo se apresentar de diferentes formas e situações. Desde atitudes de hostilidade expressas com palavras (escritas ou faladas) a símbolos que criam ou reforçam estereótipos racistas (Rocha, 2016, p. 13).

Através das definições, depreende-se que racismo e discriminação racial são termos indissociáveis. Ao considerar a raça como um fator determinante para hierarquizar relações, tem-se uma estrutura social de exclusão daqueles(as) que são inferiorizados(as) nessa escala. No caso em questão, considera-se que pessoas negras são invisibilizadas, uma vez que a branquitude é concebida como padrão e tudo que é diferente é considerada como outro.

Nesse sentido, é relevante pensar sobre o racismo nas migrações protagonizadas pelos povos negros, uma vez que isso pode interferir nas relações sociais, de trabalho, de aprendizagem e, em casos mais sérios, gerar exclusão e danos à saúde física e/ou mental.

De um modo geral, as migrações são marcadas pela expectativa de recomeço promissor, porém, a realidade muitas vezes é a ausência de inserção social, na qual é possível admitir uma sociedade dividida em vários grupos homogêneos que não intenciam interações com seus diferentes. Esta ação é conhecida por mixofobia que, de acordo com Bauman (2011, p. 121), “manifesta-se no impulso de construir ilhas de similaridade e identidade em meio a um oceano de diversidade e diferença”. Em meio à exclusão e divisão, a violência, silenciosa em muitos casos, deprecia os seres humanos em simples atos, como não os reconhecer pelo seu nome, por exemplo, mas por apelidos pejorativos que deturpam suas características físicas e/ou culturais, como pode ser verificado nas queixas de Sivi e Kamini, na sequência de cena transcrita anteriormente.

Nota-se, no filme, que há uma experiência de racismo por parte dos filhos, mas também do pai. Todavia, Seyolo desvaloriza todo o racismo sofrido pela família, inclusive o racismo que ele próprio sofre. Trata-se de uma estratégia de sobrevivência que, nesta película, é apresentada como eficaz. Em análise, considera-se que, na perspectiva de Seyolo, o racismo só é entendido como problemático na vida do adulto, uma vez que, para as crianças, nas palavras do pai, trata-se de um comportamento



normal, uma vez que são eles os diferentes na comunidade, ficando a própria família Santoko responsável por esforçar-se para serem aceitos.

Discutir sobre racismo, sobretudo quando a discussão é mantida por aqueles que o sofrem não é ato simples. Em uma análise geral do filme, conclui-se que, em diversos momentos, os filhos apresentaram condutas e falas mais críticas do que os próprios adultos sobre alguns dos problemas enfrentados. Todavia, essas narrativas são colocadas em segundo plano sob a ótica do pai, demonstrando a um senso de inferioridade dos problemas sofridos pelos filhos em relação aos problemas sofridos pelo pai.

Introduz-se, aqui, a reflexão em relação ao estudo geracional. De acordo com Sarmiento (2005, p. 364), a ideia de geração “é assumida como uma variável independente, trans-histórica, estando prioritariamente ligada aos aspectos demográficos e económicos da sociedade”. Tal pensamento advém da teoria proposta pela Sociologia da Infância, que compreende o conceito de geração de forma não tradicional, ou seja, não considera a geração como um processo exclusivamente histórico, composto por pessoas de idades próximas que viveram os mesmos processos históricos. A Sociologia da Infância preocupa-se em estudar as relações geracionais de acordo com os contextos de vida das diversas infâncias que podem existir em um mesmo período histórico, defendendo a divergência geracional dentro de uma mesma faixa etária.

Com o intuito de ampliar esta análise, serão apresentadas e discutidas a seguir, algumas cenas acerca das relações intergeracionais (criança/adulto) e das relações intrageracionais (criança/criança), presentes no filme *Bem-vindo a Marly-Gomont*.

Relação intergeracional no filme *Bem-vindo a Marly-Gomont*

Aqui, aborda-se a análise da primeira categoria elencada. Entende-se por relação intergeracional aquela que é desenvolvida entre pessoas de gerações diferentes. No caso do filme *Bem-vindo a Marly-Gomont*, percebe-se a existência de conflitos intergeracionais entre o pai e os filhos. De acordo com Sarmiento (2005), na teoria da Sociologia da Infância, o convívio dos adultos com as crianças apresenta-se de forma desigual, uma vez que o adulto lida com a criança como se esta fosse totalmente dependente de seu(sua) responsável. Neste sentido, é muito comum no pensamento e comportamento familiar a ideia de que a “criança é o que não pode nem sabe defender-se, o que não pensa adequadamente (e, por isso, necessita de encontrar quem o



submeta a processos de instrução)” (Sarmiento, 2005, p. 368), perspectiva esta que é contrária à Sociologia da Infância.

A crítica de Sarmiento (2005), aponta para a visão de muitos pais, como é o caso de Seyolo, que desqualifica a subjetividade e interesse dos filhos em relação às situações que os envolvem. Amparada pelo conceito de menoridade, essa desqualificação é um dos principais fatores que contribuem para a negação da participação social das crianças, provocando a invisibilidade infantil nas relações familiares.

Em diversos momentos do filme, observa-se que Seyolo toma decisões pelos filhos sem antes consultá-los. Tais decisões são tomadas porque ao ocupar um espaço de autoridade na família, o pai compreende que os filhos teriam uma vida melhor se seguissem suas instruções.

Nesse sentido, evidencia-se a seguinte narrativa de Seyolo:

Uma educação francesa... Percebe o quanto somos sortudos? Vocês podem chegar às *Ivy Leagues* e até virarem presidentes da França! Na infância, eu não tinha nada... Nem pai, nem mãe. Hoje, eu sou médico! Isso não é um milagre, se deve ao trabalho duro (*Bem-Vindo a Marly-Gomont*, 2016).

Com isso, no que diz respeito ao conflito intergeracional, é possível debater sobre a submissão dos filhos ao destino que o pai julga ser mais satisfatório, a negação da infância pelo pai, ao preocupar-se, exclusivamente, com o futuro profissional dos filhos e a comparação, pela perspectiva do adulto, da infância nas diferentes gerações.

Pela perspectiva do pai, o fato de os filhos estudarem na França é um motivo de satisfação. Percebe-se a comparação implícita entre a formação escolar no Congo e na França. Esta última é considerada pelo pai como provedora de melhores oportunidades de vida, uma vez que Seyolo possui um diploma em medicina expedido em universidade francesa e visa o mesmo para seus descendentes.

Pode haver uma contradição na cena e no contexto geral do filme, uma vez que se sabe que a migração foi motivada, principalmente, pelos interesses do pai e, nas cenas em questão, Seyolo atribui o fenômeno migratório como um fator de sorte para a família, em especial, às crianças. Nesse sentido, confirma-se a ausência de autonomia e o rompimento de direitos de Sivi e Kamini, pois, ao serem condicionados à migração, foram subordinados às regras e interesses dos adultos e isso, a partir dos teóricos da



Sociologia da Infância, pode ser admitido como um desrespeito à criança, que deve ser considerada e ouvida em sua infância.

Em complemento, contribui-se para o entendimento da infância como um período inferior à idade adulta, uma vez que o argumento do pai que justifica a migração é que, no futuro, Sivi e Kamini possam ocupar cargos de referência na França. Com isso, evidencia-se a falta de importância que é dada ao momento presente das crianças, uma vez que não são mencionadas as oportunidades que podem ter na etapa de vida a qual pertencem no momento, mas somente como isso pode reverberar na idade adulta.

Nesse sentido, as pessoas adultas,

baseadas/os na autoridade dos saberes da psicologia cognitiva que permeia o senso comum sobre a infância, veem as crianças como seres em condição neuropsicológica inferior, em fase de transição, destituídas de consciência sobre o que faz bem/mal a curto, médio e longo prazo. (Oliveira, 2012, p. 42-43).

Observa-se que as crianças são consideradas pelos adultos como seres desprovidos de capacidade de julgar sobre suas próprias vidas. Todavia, trata-se de uma concepção equivocada, uma vez que, em suas limitações políticas e legais, as crianças, se não fossem silenciadas pelos adultos, teriam competência e oportunidade para defender seus pontos de vista e, para além disso, traçar seus próprios planos para o presente e o futuro.

Por fim, constata-se, na narrativa de Seyolo, uma comparação entre a infância que teve no passado e a infância que Sivi e Kamini têm no presente. Entende-se que os fatores históricos, culturais e econômicos possuem interferências nas diferentes gerações. Como pode ser observado na fala do pai, sua infância apresentou algumas dificuldades, como, por exemplo, crescer órfão e ter que se empenhar para realizar seus sonhos. Entretanto, não é válido depositar nas crianças os traumas, os problemas e as dificuldades vividas pelos adultos. Por compreender que os contextos sociais se modificam de uma geração para outra, comparar essas vivências através de uma perspectiva igualitária, além de ser um método injusto para ambos, apenas culpabiliza as crianças por não aceitar as decisões tomadas pelos adultos.

Para concluir, percebe-se que os adultos, devido à autoridade que possuem em relação às crianças, usam suas soberanias para beneficiar a si próprios ou para beneficiar terceiros da forma que julgam ser mais viável e promissora. Dessa forma,



“os privilégios adultos em relação às crianças são constantemente naturalizados e a desigualdade geracional é vista como necessária para o bem da infância” (Oliveira, 2012, p. 40). Ou seja, por julgarem as crianças como indefesas, os pais as silenciam e consideram que, com isso, estão preservando a integridade física e social de seus filhos, além de decidir sobre os rumos futuros da vida das crianças, que aguardam a vida adulta para que possam, finalmente, guiar suas próprias vidas a partir de seus interesses.

Relação intrageracional no filme *Bem-vindo a Marly-Gomont*

Na segunda categoria analisada, defende-se que as crianças precisam ser elencadas como protagonistas da infância enquanto categoria geracional. De acordo com Oliveira (2012, p. 39), “o que é produzido e vivenciado coletivamente pelas crianças através de atividades, rotinas, valores e preocupações em contextos de interatividade pode ser denominado [...] como cultura intrageracional”. Por esse viés, as relações intrageracionais comprovam a autonomia que as crianças têm em lidar com suas próprias questões, sem necessariamente depender de uma pessoa adulta. Nesse sentido, a criança apresenta formas próprias de construir-se enquanto geração, todavia, essas formas precisam ser julgadas pela perspectiva da infância e não pela perspectiva dos adultos.

É considerada uma relação intrageracional quando se trata do convívio de pessoas com idades próximas. Dentro das questões intrageracionais, também se discute o contexto socioeconômico e demográfico ao qual as pessoas estão inseridas, uma vez que, para categorizar uma geração, como defendem os teóricos da Sociologia da Infância, não basta somente pertencer à mesma faixa etária, mas é preciso possuir outras semelhanças e, com isso, no caso das crianças, consideram-se infâncias, e não infância.

Nessa defesa, Sarmiento (2005) argumenta que “as condições sociais em que vivem as crianças são o principal factor de diversidade dentro do grupo geracional” (Sarmiento, 2005, p. 370). Assim, se tomarmos como exemplo as crianças migrantes, em muitos casos, tem-se uma grande diferença cultural. Com isso, o comportamento, as ideias, a forma de relacionar-se com o outro, a forma de lidar com problemas, entre outras questões das crianças migrantes, podem divergir da criança nacional do país de acolhida.



Nesta seção, serão analisadas a diversidade intrageracional e a autonomia infantil para lidar com seus próprios conflitos e situações cotidianas.

Em relação à diversidade intrageracional, a partir do filme, pode-se observar algumas diferenças entre Sivi e Kamini e as crianças francesas que vivem em Marly-Gomont. De um lado, têm-se as crianças africanas, de peles negras, cabelos escuros, estrangeiras. De outro lado, têm-se as crianças europeias, de peles brancas, cabelos claros e residentes em seu país originário. Como se não bastasse tais distinções, observa-se que Sivi é apaixonada por futebol, que, para muitos, inclusive para as crianças do vilarejo francês, é considerado um esporte masculino.

Todas essas dessemelhanças foram evidenciadas no filme. O estranhamento dos *iguais* comprova que não basta pertencer à mesma faixa etária para compor uma geração e, com isso, notar a existência de uma identidade comum. As cenas demonstram que, uma vez que as crianças haviam superado o conflito com pai, que as obrigou a migrar, chegaram na escola confiantes e ansiosas para a nova realidade. Entretanto, ao experimentar, pela primeira vez, os olhares indiscretos dos estudantes franceses, os irmãos Santoko, desconfortáveis com a situação, apresentaram-se resistentes no espaço que as hostilizavam.

Ao passo que as crianças se aproximavam fisicamente dos novos moradores mirins de Marly-Gomont, Sivi e Kamini percebiam que o distanciamento entre elas aumentava. O estigma racial pode ser observado em algumas cenas, uma vez que as crianças brancas objetificam as crianças negras e, com olhares curiosos, constrangem os irmãos Santoko. Em análise, observa-se que as crianças possuem faixas etárias muito próximas, todavia, apresentam diferenças que as colocam em uma condição de desigualdade intrageracional.

De acordo com Sarmiento (2005, p. 370), “as crianças são também seres sociais e, como tais, distribuem-se pelos diversos modos de estratificação social: a classe social, a etnia a que pertencem, a raça, o gênero, a região do globo onde vivem. Os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças” (Sarmiento, 2005, p. 370). E é a partir dessa diferenciação que se discute a Sociologia da Infância, não como uma unificação geracional, mas como inclusão plural de grupos de contextos, culturas e origens diferentes.

No que diz respeito à autonomia infantil para lidar com seus próprios conflitos e situações cotidianas, observa-se no filme que, em diversos momentos, as próprias crianças foram capazes de resolver os conflitos intrageracionais ocasionados,



principalmente, pela diversidade encontrada entre as crianças locais e as crianças migrantes. Para além disso, outras cenas demonstraram que as crianças apresentam sensibilidade para compreender e incluir as outras crianças, como é o caso da relação entre Kamini e a criança local de Marly-Gomont chamada Sylvie.

Kamini: Oi, como é seu nome?

Sylvie: Sylvie, mas todos me chamam de Cicatriz.

Kamini: Eu prefiro Sylvie (*BEM-VINDO A MARLY-GOMONT*, 2016).

A cena acima refere-se à Sylvie, uma criança com marcas de queimadura no corpo, sendo estigmatizada por conta de sua especificidade. Se, por um lado, as cenas da chegada dos irmãos Santoko na escola francesa apontam para a indiscrição das crianças em lidar com algo que causa estranhamento, por outro lado, a sequência de cenas protagonizadas por Kamini e Sylvie, e suas narrativas, desvelam o acolhimento e a capacidade das crianças em compreender e resolver situações pertinentes à infância, uma vez que lidaram com leveza e naturalidade com a criança com cicatrizes em evidência.

Ao refletir sobre isso, constata-se que,

entre crianças, gestos e palavras são observados, imitados, questionados e modificados. Emoções são compartilhadas, rituais são experienciados e interpretados; grupos e identidades são formados e a seriedade do brincar é compreendida. Segredos são contados e trocados, sinais são codificados e decodificados; pactos são estabelecidos, mudados, discutidos e desfeitos (Oliveira, 2012, p. 39).

Ao refletir sobre o filme, nota-se que Kamini e Sylvie passam por situações de exclusão semelhantes, mesmo que de origens diferentes. Todavia, a menina com manchas na pele não hesita em abordar o problema que a acompanha ao apresentar-se ao, até então desconhecido, Kamini. Por sua vez, Kamini, que sensivelmente compreende o peso do preconceito e da exclusão, deixa de lado os estereótipos e o senso comum e interage com a menina respeitando-a como um ser humano em sua essência.

De forma conclusiva, defende-se que as infâncias são múltiplas. Entretanto, dentro dessa diversidade observam-se formas, que vão da sutileza à intensa expansividade do conviver entre crianças. As relações intrageracionais fornecem diversas reflexões acerca da sociedade, acentuando suas semelhanças e diferenças, assim como formas de lidar com ambas. Por fim, defende-se a capacidade e autonomia que as crianças possuem em resolver conflitos e refletir sobre o mundo e a sociedade.

Considerações finais



A fim de examinar a invisibilidade das crianças nos processos de migração familiar, este estudo observou que as teorias migratórias clássicas compreendem o trabalho como fator motivador da migração. Nesse sentido, há uma invisibilidade das crianças, inclusive na migração familiar que, como pôde ser visto em Zlotnik (2003), não menciona os filhos na composição da família. Constata-se, então, que as crianças, muitas vezes, são submetidas aos processos migratórios sem serem consultadas e isso, de acordo com os teóricos da Sociologia da Infância, rompe com o direito de cidadania e participação social das crianças, uma vez que são consideradas como inferiores em relação aos adultos no que diz respeito à tomada de decisão de migrar.

Todavia, os impactos migratórios atingem tanto os adultos quanto as crianças e os efeitos desse fenômeno podem apresentar-se de forma negativa, uma vez que o estabelecer-se em outro país, com frequência, é caracterizado por situações desagradáveis. Dessa forma, a pessoa migrante assume o risco do deslocamento e responsabiliza-se por suas implicações. Entretanto, as crianças são ainda mais afetadas nesse processo. Primeiro, porque foram obrigadas a migrar. Segundo, porque involuntariamente vivenciam as dificuldades de deixar seu país e instalar-se em outro. Defende-se, então, um olhar para as infâncias em concomitância com as questões migratórias, para que a criança não seja invisibilizada nesse movimento que influencia consideravelmente sua vida.

A partir do longa-metragem *Bem-vindo a Marly-Gomont*, foi possível identificar de que forma a criança migrante é representada e como se dão as relações inter e intrageracionais em contexto migratório.

Em relação às relações intergeracionais, observa-se que há uma relação de poder e autoridade entre adultos e crianças, pais e filhos. Dessa forma, nos contextos de migração familiar, como é o caso representado pela família Santoko, os filhos são submetidos à migração e, no caso específico do filme, sabe-se que a motivação principal da migração era de interesse do pai, entretanto, ele argumenta, em alguns momentos, que o novo país seria melhor para os filhos, por ter mais oportunidades a curto, médio e longo prazo. Nota-se também a comparação entre a infância que o pai teve e a infância que ele julga promover aos filhos. Tendo isso em vista, pode-se concluir que há um silenciamento dos filhos por parte do pai, seja por não considerar suas vozes na tomada de decisão migratória, por amenizar os problemas do presente enquanto prevê os benefícios profissionais do futuro e por culpabilizar os filhos por não valorizarem a experiência que ele torna possível.



Em sequência, a análise das relações intrageracionais abordou a diversidade existente dentro desta categoria e a autonomia infantil ao lidar com desafios da rotina das crianças. Os resultados obtidos na análise apontam para a defesa de um conceito de infância que seja plural, pois compreende que os fatores sociais, econômicos e culturais interferem na forma de existir das crianças. Além disso, como pode ser ilustrado no filme, evidencia-se a capacidade infantil em resolver conflitos, defender a si mesmo e a seus ideais.

Por fim, conclui-se que a criança, devido à sua capacidade de autonomia e ao seu direito de participação social, deve ser considerada e respeitada por seus responsáveis. Dessa forma, sugere-se uma ampliação das teorias clássicas de migração para que possam incluir as infâncias e seus interesses na avaliação das perdas e ganhos que um processo migratório implica.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução de Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- BEM-VINDO A MARLY-GOMONT**. Direção de Julien Rambaldi. Paris: Mars Films, 2016. 94 min. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/>. Acesso em: 03 abr. 2020.
- BORGES, Carolina de Campos; MAGALHAES, Andrea Seixas. Laços intergeracionais no contexto contemporâneo. **Estud. psicol.** (Natal), Natal, v. 16, n. 2, p. 171-177, Aug. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2011000200008>. Acesso em: 03 jul. 2023.
- CANTINHO, Isabel. Crianças-Migrantes no Brasil: vozes silenciadas e sujeitos desprotegidos. **O Social em Questão** - Ano XXI - nº 41 - Mai a Ago/2018. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_41_art_7_Cantinho.pdf. Acesso em: 14 mar. 2024.
- DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Crianças imigrantes: “necessárias”, “invisíveis”, mas “perigosas”. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. 43, p. 370-398, jan./jun., 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e73964>. Acesso em: 14 mar. 2024.
- FERREIRA-BATISTA, Natalia; CACCIAMALI, Maria Cristina. Migração familiar, trabalho infantil e ciclo intergeracional da pobreza no estado de São Paulo. **Nova Economia**, Belo Horizonte_22 (3), 515-554, setembro-dezembro, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-63512012000300004>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- GAUDEMAR, Jean-Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação do capital**. Lisboa: Estampa, 1977.
- LOPES, Jader Janer Moreira; MOTTA, Flávia Miller Naethe. Crianças deslocadas: narrativas em territórios das palavras. **Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 23, n. 43, p. 602-626, jan./jun.,



2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2021.e72297>. Acesso em: 14 mar. 2024.

OCHS, Elinor; CAPPS, Lisa. Narrating the self. **Rev. Anthropol.** 1996. 25:19–43. Disponível em:

http://www.sscnet.ucla.edu/anthro/faculty/ochs/articles/Ochs_Capps_1996_Narrating_the_Self.pdf. Acesso em: 22 abr. 2022.

OLIVEIRA, Tiago Grama. A infância num conflito intergeracional. **Revista Habitus**, Vol. 10 – N.2. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/habitus/article/view/11383/8333>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes – conceitos e metodologia(s). **VI Congresso SOPCOM**, Lisboa, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 03 jul. 2023.

PÓVOA-NETO, Helion. Migrações internas e mobilidade do trabalho no Brasil atual: novos desafios para a análise. In: **Experimental**, nº 2, p. 11-24, mar. 1997.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 36, n. 2, p. 631-644, Aug. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000200014>. Acesso em: 03 jul. 2023.

ROCHA, Roseli. **Racismo**. Série: assistente social no combate ao preconceito, caderno 3. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social – CFESS, 2016.

RODRIGUES, Tiago Nogueira Hyra e Chagas. **Contando as violências**: estudo de narrativas e discursos sobre eventos violentos em Florianópolis (SC). Dissertação (Mestrado em Antropologia Social – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 210. 2006.

SANTOS, Angélica Paixão dos; SANTOS, Maquézia Suzane Furtado dos; COTINGUIBA, Marília Lima Pimentel. A inserção da criança haitiana no ambiente escolar brasileiro: um estudo de caso na cidade de Porto Velho. **Reunião Equatorial de Antropologia e Reunião de Antropólogos do norte e nordeste**, 2015, Maceió-AL. Anais Reunião Equatorial de Antropologia e Reunião de Antropólogos do norte e nordeste, 2015, v. 1. Disponível em: http://www.evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/_Maquezia%20Suzane%20Furta%20do%20Dos%20Santos%20-%201020513%20-%203759%20-%20corrigido.pdf. Acesso em: 03 jul. 2023.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educ. Soc., Campinas**, v. 26, n. 91, p. 361-378, Aug. 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302005000200003>. Acesso em: 03 jul. 2023.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

ZLOTNIK, Hania. Théories sur les migrations internationales, In CASELLI, Graziella; VALLIN, Jacques. et WUNSCH, Guillaume. (eds.). **Démographie: analyse et synthèse**. IV. Les déterminants de la migration. Paris: Editions de l'Institut National d'Etudes Démographiques, 2003, p. 55-78.



★

Este é um ARTIGO publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a licença *Creative Commons Attribution*, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições, desde que o trabalho original seja corretamente citado.